



## A construção de narrativas: um “eu” para além do “ser policial”

Íris Vieira de França; João Gabriel Pedrosa; Liliane Lima de Souza; Betânia Maria Oliveira de Amorim

Universidade Federal de Campina Grande, irisvfranca@gmail.com; Joaogabrielpedrosa@gmail.com; lilianelima97@hotmail.com; betania\_maria@yahoo.com.br

**Resumo:** As categorias profissionais que atuam frente a segurança pública cada dia estão mais propícias a estigmas e preconceitos por parte da sociedade que não se sente mais segura diante as adversidades de inúmeros contextos territoriais. Não obstante, em muitos Estados se configurou uma guerra entre policiais e traficantes que não raras vezes resulta em mortes de pessoas aquém dos conflitos. Ainda, essa polícia é também um dos núcleos de segurança pública que mais sofre com tais conflitos, uma vez que estão a frente daquilo que por ventura é esquecido pelo Estado. Neste sentido, o presente estudo se refere aos resultados de uma pesquisa-intervenção, elaborados na forma de relato de experiência, realizado a partir do trabalho desenvolvido com policiais do 10º Batalhão de Polícia Militar e do CIOP (Centro Integrado de Operações Policiais) da cidade de Campina Grande – PB. A intervenção foi realizada a partir dos pressupostos metodológicos da Educação Popular em Saúde, que compreende a dimensão do cuidado como uma prática dialógica. Portanto, a metodologia utilizada para o processo de intervenção foi a Tenda do Conto, sendo esta pensada a partir das demandas encontradas nas visitas e diálogos previamente estabelecidos com o grupo participante. Assim, os objetivos foram sendo desenvolvidos ao longo do trabalho, elencando-se como objetivo principal identificar, através dos pressupostos da Educação Popular em Saúde, as demandas trazidas pelos Policiais Militares concernentes ao cuidado em saúde, procurando forçar na demanda mais presente nos discursos de todos, haja vista que neste caso elencamos a questão da identidade para além do ser policial como sendo o ponto em comum entre todos.

**Palavras-chave:** Psicologia, Tenda do conto, Policia Militar, Educação Popular em Saúde.

### Introdução

A sociedade, de um modo geral, a cada dia vem sofrendo de forma abrupta com o aumento e a banalização da violência, fato que, entre outros, corrobora para a descrença nas categorias profissionais que atuam frente a segurança pública. Não obstante, no tocante a Polícia Militar, categoria responsável pela parte ostensiva da segurança, se configuram discursos permeados de estigmas e preconceitos que têm sua origem também na repercussão de atos ilícitos cometidos por policiais, tais como os concernentes a atos de corrupção, excesso de violência policial, assim como o distanciamento da comunidade a qual estão servindo (MORAIS, et al. 2000).

A Polícia Militar é uma instituição que possui a hierarquia e a disciplina enquanto seguimentos de orientação aos seus profissionais, os quais são regidos por um regulamento interno datado do século XIX, que foi modificado na década de 1960, por influências do período ditatorial, mas que continua vigente até os dias atuais. Este dispositivo institucional frequentemente provoca conflitos internos,



principalmente com relação ao não reconhecimento profissional por falta de um plano de carreira institucional e leis trabalhistas (SILVA; VIEIRA, 2008). Além disso, a relação de subordinação é identificada como uma prática de controle que pode gerar inúmeros casos de sofrimento.

Neste sentido, partindo da compreensão que os segmentos hierárquicos e disciplinares parecem estar atrelados ao não reconhecimento do profissional enquanto sujeito, além das muitas representações negativas por parte da sociedade para com a figura do policial militar, identificamos que esta conjuntura propicia um apagamento – quando não, um aniquilamento – das identidades pessoais dos Policiais Militares, haja vista as faces que compõe o sujeito estão para além do período em que o profissional está em serviço.

Desse modo, buscamos refletir sobre a dimensão do sofrimento causado pela perda ou pelo esquecimento dessas outras faces, sobretudo da sua identidade pessoal (mãe/pai, filha/filho, esposa/marido, e outros), com o intuito de promover modos de cuidado junto a este grupo profissional.

Como nos aponta Goffman (1975), o estigma é compreendido como um rótulo ou rótulos que dizem, sobre determinados sujeitos ou categoria, verdades sobre sua identidade social real, incorporando o que o autor chama de identidade social virtual. Nesta perspectiva salientamos ainda que o estigma faz com que, não raras vezes, os indivíduos incorporem o discurso estigmatizante para si, tendo como consequência efeitos sobre a sua personalidade.

Além disso, compreendemos que a demanda pela escuta e pelo cuidado por parte destes profissionais são imensas. Em função dos mecanismos de controle e disciplina que caracterizam a polícia militar, conforme mencionamos anteriormente, diversos profissionais acabam por sofrer em silêncio, pois a própria instituição não oferece apoio psicológico/psicoterapêutico ou qualquer outra forma de cuidado concernente a saúde.

Este trabalho se revela importante e oportuno por desvelar duas questões essenciais. Em primeiro lugar, nos leva a refletir sobre a demanda dos cuidados em saúde destes profissionais, visto que, este é um aspecto comumente negligenciado. Em segundo lugar, nos possibilita descortinar o sujeito que se esconde atrás da farda cujas identidades estão intensamente atravessadas pelos discursos institucionais e estigmas sociais.

## **Metodologia**

Trata-se de um relato de experiência sobre uma intervenção realizada com Policiais Militares do Décimo Batalhão de Polícia Militar e do Centro Integrado de Operações Policiais



(CIOP) situados cidade de Campina Grande-PB. O referido grupo foi constituído por oito policiais militares, sendo três do sexo feminino e cinco do sexo masculino.

A nossa proposta tomou como referência os pressupostos metodológicos da Educação Popular em Saúde, pois esta se configura como uma prática de cuidado pautada no diálogo entre os sujeitos, em conhecer e perceber as demandas de determinados territórios para então estabelecer um plano de ação/intervenção. Dessa forma, após identificarmos a problemática da identidade como o dispositivo a ser trabalhado – haja vista que era o ponto em comum entre todos – nos propomos a mobilizar o grupo a partir do aporte da Tenda do Conto.

A tenda do Conto é uma prática dialógica que se caracteriza como metodologia participativa. De acordo com Barros (2013) é uma prática integrativa de cuidado em saúde e de intervenção psicossocial cujo processo grupal de narrar-se possibilita a configuração de um devir grupo sujeito

Para Félix-Silva *et. al* (2014) o convite a tenda do conto é objetivo: traga ou leve um objeto que você guarda com carinho e com afeto, algo que marque sua experiência de vida. Sendo assim, pedimos aos participantes da intervenção que levassem um objeto que tivesse valor sentimental para a sua vida pessoal, mesmo que este tenha sido obtido antes do seu ingresso na atividade policial. Assim, acreditamos que com esta metodologia, mesmo que por um curto período, tivemos a possibilidade de mobilizar dentre outras questões, o afeto entre o grupo, propiciado por um momento dialógico de construção de narrativas que envolveram trocas de afetos e saberes sobre formas de cuidado conforme veremos a seguir.

## Resultados e Discussão

A Tenda do Conto foi escolhida para este momento por possibilitar aos sujeitos desde o convite uma mobilização ética, estética e política na procura do objeto (FÉLIX-SILVA *et. al*, 2014), por se configurar enquanto uma prática integrativa de cuidado em saúde e de intervenção psicossocial, a Tenda do Conto possibilita um devir do grupo-sujeito através da experiência de narrar-se. Como apontam Félix-Silva *et. al*:

Não se trata de um grupo de psicoterapia nem tem ênfase na terapia. Não obstante, a consequência de associar livremente a palavra a partir de um objeto de afetação pode ser terapêutica tanto para quem faz o conto como para quem o escuta, considerando-se que há o reconhecimento do outro a partir de quem fala e valorização da fala do outro a partir de quem ouve; há circulação de afetos, saberes e exercício de poder da palavra, na perspectiva do empoderamento de quem fala e da autonomia de quem ouve os contos (Félix-Silva *et. al*, 2014, p, 16).



Dessa forma, pensando nas questões suscitadas pelo grupo no decorrer dos encontros, consideramos a Tenda do Conto como a metodologia participativa que melhor se adequaria as demandas apresentadas. Primeiramente pedimos que os responsáveis pelo grupo do 10º batalhão e o do CIOP encaminhassem aos demais componentes do grupo o pedido para que estes levassem para o encontro algum objeto pessoal que lhes considerassem importante e que não necessariamente estivesse ligado à profissão de policial militar. Com este procedimento buscamos proporcionar um momento terapêutico de escuta e fortalecimento de vínculos entre os participantes. No entanto, devido à dificuldade de comunicação e o curto espaço tempo para a realização desta atividade, muitos participantes não levaram os objetos. Como modo de ajustar a metodologia a esta realidade, oferecemos aos participantes duas escolhas: imaginar um objeto e apenas falar qual era e a partir disso construir sua narrativa; e, caso quisessem, poderiam desenhar os objetos com os materiais que disponibilizamos. A primeira alternativa foi escolhida de forma unânime pelo grupo.

Com relação aos objetos eleitos pelos participantes, é interessante observar que estes se situam principalmente em dois eixos: aqueles objetos que se apresentavam como recurso de entretenimento, relaxamento, ou que de alguma forma se apresentou como paliativo em momentos difíceis encarados pelo sujeito, como violão, bíblia e livros em geral; e aqueles que remetiam à memórias de sua infância/juventude e tinham grande valor simbólico na vida do sujeito, como uma carta da mãe já falecida, uma boneca que marcou a infância, e um relógio que fora presente do pai já falecido.

De acordo com Félix-Silva et al (2014), na Tenda do Conto, a escuta e a construção de vínculos ocupam um lugar central na promoção do cuidado e são considerados como mecanismos terapêuticos. Essa metodologia participativa corrobora com os pressupostos da Educação Popular em Saúde, pois não há aqueles que ensinam e os que aprendem, há uma articulação e confronto mútuo de saberes, todos os sujeitos são ao mesmo tempo participantes e construtores da realidade (FÉLIX-SILVA et al, 2014). Dessa forma, buscamos proporcionar um momento em que os sujeitos pudessem ser ouvidos e ter sua história valorizada. Pois, conforme observamos em encontros anteriores, corroborando com pesquisas já realizadas (MINAYO; ASSIS; OLIVEIRA; 2011; SILVA; VIEIRA, 2008), ficou evidente que questões políticas internas e externas que atravessam o campo de trabalho da polícia militar, como a precarização do trabalho que envolve fatores sociais, políticos e econômicos como instrumentos inadequados, salários desproporcionais, falta de reconhecimento dentro da instituição e da própria sociedade, tem impacto decisivo sobre as formas de adoecimentos



físicos e mentais. Assim, o fato da identidade pessoal se dissolver na identidade profissional desses sujeitos, acaba por aumentar a carga de sofrimento dificultando que estes desfrutem momentos de lazer e esvaziamento dos estresses advindo do trabalho, como nos relatou a participante “A”: “Depois que eu entrei para a polícia acabou meus momentos de lazer, porque em qualquer lugar que eu vá, mesmo que não esteja fardada, as pessoas me vêem como PM. Nós evitamos até ir para barzinhos ou restaurantes, pois qualquer coisinha que aconteça as pessoas vem logo atrás de nós, no nosso momento de lazer em família”.

A respeito da relevância da escuta e da importância da valorização das histórias singulares que cada um nos relatou, podemos resgatar a narrativa de “Y” acerca do objeto escolhido, a saber, uma carta da mãe já falecida. A participante narra que a história de sua infância e juventude são quase inexistentes, pois as fotos e objetos foram perdidos por outros parentes ao longo dos anos. Além de ter vivido a infância em condições financeiras desfavoráveis, também vivenciou a perda da mãe com poucos anos de vida, e nesse momento de rearranjo familiar os objetos de sua mãe e/ou que remetiam à sua infância foram se perdendo ao longo dos anos. Diante desse quadro ela realiza atualmente um verdadeiro trabalho de arqueologia em busca de objetos que remetam a sua história. No entanto, esse trabalho é deveras negligenciado por outros parentes, de modo que ela é muitas vezes chamada de “besta”, que “isso não tem importância” e que “não tem necessidade correr atrás de objetos, afinal, são apenas objetos”. Porém, como a participante afirmou, esses objetos representavam retalhos da sua história, e que tinham extrema importância na sua constituição enquanto sujeito. Assim, como forma de reelaboração dessa experiência, ela relata que, diante da gravidez que carrega, atenta aos mínimos detalhes para que o seu filho possa ter recordações vivas de sua infância desde a gestação, e mesmo que um dia isso não seja importante para ele, mas que ela teria a sensação de que “cumprir” seu papel.

Diante do engessamento que a profissão proporciona aos policiais, o momento de escuta naquele contexto foi apontado pelos participantes como bastante enriquecedor e significativo, pois tiveram a oportunidade de escutar a si e aos outros colegas, como afirmou um dos policiais “esse momento foi extremamente enriquecedor para a gente conhecer mais as pessoas com quem trabalhamos todos os dias. Eu nunca que diria que ‘X’, com a postura tão séria que tem no trabalho, tão dura, se emocionaria ao lembrar do relógio do seu pai, jamais imaginaria que essa pessoa que aparenta ser tão rígida, tivesse questões assim”. Desse modo, somos levados a supor que o momento da realização da tenda do conto lançou sobre os sujeitos uma semente para que estes conhecessem melhor seus colegas e trabalho e



estretassem os vínculos pessoais. Ademais, a oportunidade de compartilhamento de outras faces de suas identidades permitiu que eles mesmos refletissem sobre a incorporação dos estigmas incorporados pela sociedade: “Engraçado que diante desse momento, vendo as pessoas contando suas histórias, se emocionando, eu fico pensando de como é importante nós olharmos para o outro e lembrarmos que um dia essa pessoa já foi criança. Eu não sei vocês, mas, eu costumo ver a criança como uma folha em branco que ao longo da vida vai sendo preenchida e tomando forma. Mas se a gente parar pra pensar tem um pedacinho dessa criança que não importa que idade a gente tenha, a gente sempre vai carregar”.

Além disso, é importante pontuar como cada narrativa revelou a singularidade de um saber-fazer com o sofrimento. Assim, podemos dizer que houve não apenas uma troca de afetos, mas também de saberes a partir da construção conjunta da ressignificação de fatos e através do compartilhamento de narrativas sobre os objetos que se apresentavam, segundo os participantes, como uma “válvula de escape” para a pressão e o estresse do dia-a-dia, como o violão, as viagens, a leitura, bem como formas que encontraram para lidar com os desdobramentos infelizes. A exemplo disto, podemos citar o caso em que dois participantes guardaram durante anos da sua vida um objeto particular (um brinquedo) de grande valor simbólico para darem a seus filhos quando nascessem, e, no entanto, as crianças não atribuíram o mesmo valor. É interessante pontuar que diante desses relatos os próprios participantes intervinham auxiliando os demais nesse processo de reelaboração do acontecimento, como disse uma participante “a gente passa anos guardando o brinquedo que foi tão importante pra nós, e vemos ser destruído em questão de minutos na mão dos nossos filhos”, e quando um segundo rebate “pois é, besteira nossa guardar né?!”, a primeira retruca novamente “pois é, mas eu acho que independente do que as crianças vão fazer com ele, acho que isso não tira a importância dos objetos para nós, esse trabalho e preocupação que tivemos em cuidar”. Dessa forma, podemos perceber que os vínculos afetivos-cognitivos formados a partir da escuta se relacionam intrinsecamente com a palavra e com a produção de sentidos. Assim, como propõe a Tenda do Conto, verificamos que sentimentos ocultos se revelam e os sujeitos buscam reelaborar os fatos, surpreendendo-se com a possibilidade e a emergência de novos processos de subjetivação (FÉLIX-SILVA et al, 2014).

Ademais, como não há uma ação articulada de saúde no trabalho de PM, os próprios policiais buscam uma forma de reagir ao que compromete a sua disposição física e mental (SILVA; VIEIRA, 2008). Assim, corroborando com os pressupostos da Educação Popular em Saúde, acreditamos que o momento propiciado pela nossa intervenção, além de oferecer um



espaço de escuta e o fortalecimento dos vínculos, também influenciou para a construção de saberes acerca da promoção da saúde. Por essa razão compreendemos que diante de um modelo hegemônico de saúde pautado na biomedicina e nas formas de atuação tecnicistas, em que a produção de discursos pelos ditos “saberes científicos” adquirem validade universal, propondo modelos e leis de aplicação geral, não se ocupando de casos individuais (STOTZ, 1993), é preciso pensar em intervenções que sejam pautadas em outras concepções de cuidado como esta que realizamos.

Dessa forma, a Educação Popular em Saúde se apresenta como um movimento social de profissionais, técnicos e pesquisadores empenhados no diálogo entre o conhecimento técnico-científico e o conhecimento oriundo das experiências e lutas da população pela saúde. O seu traço fundamental está no método, pois considera como ponto de partida do processo pedagógico o saber anterior do grupo em questão, admitindo o outro saber tão válido no âmbito do diálogo quanto o saber técnico científico (STOTZ, 1993). Neste sentido, a questão do cuidado está implicada numa visão de múltiplos fatores, não são apenas os saberes técnicos e científicos que podem contribuir para uma assistência com integralidade; a escuta e o olhar, o sujeito, em seus vários aspectos, também contribuem (FÉLIX-SILVA et al, 2014).

Diante desse quadro, pensando a Tenda do Conto como prática integrativa em saúde, a intervenção se concretizou a partir da construção de relações horizontalizadas e do compartilhamento de saberes. Assim, não houve uma divisão entre aqueles que ensinam e aqueles que aprendem, mas uma articulação e confronto mútuo de saberes, num processo colaborativo no qual todos são simultaneamente participantes e construtores da realidade. Ademais, de acordo com Félix-Silva et al (2014), é necessário, no exercício da clínica ampliada, dar ao sujeito a oportunidade de opinar sobre seu cuidado, de modo que o profissional atue como facilitador na formação de vínculos afetivos para que se estabeleça um “encontro” e a produção de novos processos de subjetivação. Dessa forma, “com a ampliação da noção do que se entende por cuidado, percebemos a complexidade e importância do mesmo diante das fragilidades humanas e das demandas do atendimento em saúde” (FÉLIX-SILVA et al, 2014, p.24).

É importante pontuar a ênfase do grupo acerca da importância da aproximação entre a Polícia Militar e a sociedade, haja vista que, segundo esses profissionais, tal distanciamento acaba propiciando a propagação de estigmas. Dessa forma, considerando que “o profissional deve escutar a queixa, os medos e as expectativas, identificar os riscos e a vulnerabilidade, acolhendo também a avaliação do próprio usuário, e se responsabilizar para dar uma resposta



ao problema” (BRASIL, 2006a, p. 23 apud FÉLIX-SILVA et al, 2014), vemos nesse trabalho a continuidade da nossa intervenção e nosso compromisso para com o grupo em questão, na medida em que este se apresenta como devolutiva à demanda de sermos propagadores da experiência vivida e problematizadores dos estigmas que circundam a figura dos Policiais Militares, contribuindo para que a comunidade acadêmica e a sociedade em geral possam enxergar nesses sujeitos um “eu” para além do “ser policial”.

### **Conclusões**

Ao longo deste trabalho verificamos que os policiais militares estão imersos em um ambiente propiciador constante de adoecimento que pode apresentar-se de diversas maneiras, seja de maneira física ou psicológica. Levando esse aspecto em consideração direcionar a atenção para esses atores sociais torna-se uma forma de dar visibilidade sobre a necessidade de cuidados em saúde para esta categoria profissional. Na fala dos policiais que participaram da tenda do conto é bastante clara a alegação da falta de um acompanhamento psicológico ou até mesmo a ausência de cuidados com a saúde, de maneira geral, o que vem demonstrar a dificuldade que este grupo enfrenta com relação ao cuidado de si.

A tenda do conto, então, foi um recurso para deslocarmos a atenção para esse grupo de militares e ao mesmo tempo promover uma atividade relacionada ao cuidado de forma que este momento fosse um paliativo para se contrapor a ausência deste cuidado no ambiente institucional. Pudemos então, através desta metodologia participativa, propiciar esse momento diferenciado de acordo com o que os policiais nos apresentaram como demanda. Acreditamos que, apesar dos limites e do tempo dispensado para a realização da intervenção, conseguimos realizar e proporcionar um momento de resgate às outras identidades dos sujeitos em questão para além do ser policial. Essa compreensão de suas próprias falas em que alguns afirmavam que ter um momento assim, nem que seja ao menos para falar, é bastante difícil naquele ambiente.

É indiscutível a importância de momentos dessa natureza para grupos como esses que muitas vezes são esquecidos devido ao estigma criado em torno deles, fazendo-nos reafirmar que o cuidado em saúde deve ser um elemento básico ao alcance de todos. Apesar de ter sido uma experiência pontual acreditamos que movimentos assim servem como “fissuras” para que projetos posteriores sejam estabelecidos dando continuidade à proposta em que a educação popular em saúde facilite para estes sujeitos uma elaboração de cuidado em que estes mesmos possam colaborar entre si de maneira horizontalizada juntamente com o saber da saúde e não





algo imposto, isto é, que este cuidado proposto seja construído com eles.

### Referências Bibliográficas

BARROS, R. B. Grupo: a afirmação de um simulacro. 3. ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2013.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

FÉLIX-SILVA, V. A.; NASCIMENTO, M. V. N.; ALBUQUERQUE, M. M. R.; CUNHA, M. S. G.; GADELHA, M. J. A. Narrativa, contos e entrevistas na tenda do conto. In: Antonio Vladimir Félix-Silva, *et al.* **A Tenda do Conto como prática integrativa de cuidado na atenção básica**. Edunp. 2014. p. 12-20.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; OLIVEIRA, R. V. C. Impacto das atividades profissionais na saúde física e mental dos policiais civis e militares do Rio de Janeiro (RJ, Brasil). **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(4), p. 2199-2209, 2011.

MORAES, L. F. R., *et al.* **Estresse e qualidade de vida no trabalho na polícia militar do estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos Avançados em Comportamento Organizacional/Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração/ Universidade Federal de Minas Gerais; 2000.

SILVA, M. B.; VIEIRA, S. B. O processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental: **Saúde Soc.**, v.17, n.4, p.161-170, 2008.

STOTZ, E. N. Enfoques sobre educação e saúde. In: VALLA, Victor Vincent. **Participação popular, educação e saúde**: teoria e prática (Org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 12-22, 1993.